BREVES ESCLARECIMENTOS

SOBRE

O PARÁ

IGNACIO BRANDÃO PEREIRA CABRAL

BREVES ESCLARECIMENTOS

SOBRE

O PARÁ

PORTO
TYP. COMMERCIO E INDUSTRIA
29, Rua do Corpo da Guarda, 29

1879

A QUEM LER

Este livro é fructo da longa experiencia que adquiri da minha dilatada permanencia na cidade do Pará, para onde emigrei de mui tenra edade.

Nascido na cidade do Porto a 18 de junho de 1825, passei os dias da minha infancia, circumdado dos carinhosos affectos da familia, e em 1841 abandonei esta terra abençoada e fui procurar nos inhospitos climas do Pará os meios de fortuna necessarios á minha sustentação. Foi durante o longo periodo que decorreu desde a data da minha partida até á data do meu regresso, 1877, que a convivencia, a longa pratica e os conhecimentos adquiridos, me collocaram em circumstancias de poder a largos traços descrever a historia,

ou para melhor dizer, dar breves esclarecimentos sobre a vida da formosa rainha do Amazonas.

Na minha longa estada no Pará fui sempre bem tractado e sempre respeitado por naturaes e estrangeiros.

Naturalizei-me cidadão do imperio americano a suggestões e reiterados pedidos de muitos paraenses, que me consideravam e amavam, como se eu fosse filho do Brazil. Não acontece, porém, o mesmo no Porto, minha terra natal, onde, no curto praso de tempo que dista da minha vinda até hoje, tenho recebido offensas a que não tenho ligado a minima importancia, porque sou da opinião do celebre philosopho de Athenas, Diogenes, que respondeu a alguem que lhe perguntava um dia, mofando:

—Então, Diogenes, não te desafrontas? Soffres uma desconsideração e não te vingas?

—Não, homem! Eu não me posso desaffrontar. Dize-me, se um asno te dér um couce chamal-o aos tribunaes?

Eu, sem ser philosopho, perfilho a opinião do celebre atheniense.

Durante a minha permanencia no Pará exerci cargos importantes e no desempenho d'elles fui sempre conscienciosо para com os meus inferiores e respeitado e até querido pelos meus superiores. D'isto são prova os documentos que ainda conservo e o testemunho de todas as pessoas que me conheceram n'aquella cidade.

O que fica narrado de nada serve para a descripção que insere este livro, mas em todo o cazo aproveitei esta occasião para demonstrar o meu desprezo por scelerados que, querendo desconceituar o alheio credito, accarretam sobre si as torpezas que querem lançar sobre outro.

Este meu livro não tem pretensões. Apparece a publico, confiado na benevolencia dos seus leitores e no favor dos meus amigos. Bem sei que, como escriptor, é uma loucura inculcar-me e portanto perdoe-me a critica o meu arrojado emprehendimento.

O auctor.

I

Descripções preliminares

Rendidos os Francezes no Maranhão (3 de Novembro de 1615) e occupados os fortes, e toda a ilha pelos portuguezes, o general Alexandre de Moura, cumprindo as instrucções que recebera do Governador de Pernambuco, tratou sem demora, dos meios de consolidar e amplhar a conquista, estendendo-a até aos limites mais septemtrionaes.

Dos manuscriptos e memorias do chefe da colonia franceza, Daniel de la Ronche de la Ravordier, conheceram os portuguezes os progressos e a extenção que ella, colonia, havia tomado, levando a sua influencia e o seu commercio até ás margens de um rio que os francezes, segundo o modo de fallar dos indios, chamaram Pará e pelo qual subiram até ás aldeias do rio Pacajá, junto a cuja foz foi depois edificada a villa de Portel, tendo o proprio Raverdier, visitado este rio em 1612, tres annos antes da rendição já referida. Es-

tas noticias levaram Alexandre de Moura, a apressar a execução das instrucções que tinha, e para melhor cumprir o seu dever, nomeou para capitão-mór do Maranhão Jeronymo d'Albuquerque, a quem havia succedido no commando em chefe das tropas portuguezas, e ao capitão Francisco Caldeira Castello Branco para commandante d'uma expedição ao Pará, com a patente tambem de capitão-mór d'esta conquista. Castello Branco era um homem distincto pelo seu nascimento, como indica o seu appellido de familia e um militar conhecido pela sua bravura e serviços, na campanha contra os hollandezes no Brazil.

Os soccorros de viveres, de munições e de soldados que trouxera de Pernambuco e Bahia em 1615, houveram reanimado os poucos mas heroicos portuguezes que o velho Jeronymo d'Albuquerque conservava em Guinduba e tirado todas as esperanças aos francezes, fortificados em S. Luiz.

Fôra elle o negociador das condicções honrozas de paz, pelas quaes os francezes deviam entregar, dentro do prazo de cinco mezes, a ilha e os fortes e retirarem-se para França, pagando-lhes os portuguezes a artilheria e dando transporte aos que não quizessem ficar, condições quebrantadas depois por Alexandre de Moura, sem gloria para si; porque os francezes, pouco antes, completamente derrotados por Jeronymo d'Albuquerque, já estavam vencidos e impossibilitados de receber soccorros do continente, sem contar os desgostos e divergencias que reinavam entre elles.

Castello Branco, apenas nomeado, tratou de adiantar a expedição com actividade e no fim de novembro pôde partir de S. Luiz para o Pará, acompanhado de duzentos soldados e officiaes intelligentes, entre os quaes ia o alferes Pedro Teixeira, que depois se fez celebre por sua bravura contra os inimigos europeus

e mais ainda por a sua famosa expedição a Quito, nos Andes.

Acompanhara tambem Caldeira um sacerdote que de certo foi o padre Manoel Figueira de Mendonça, e provavelmente muitos indios e praticos francezes para gosarem a esquadrilha na entrada da barra.

Esta esquadrilha constava apenas d'um patacho commandado pelo capitão Pedro de Freitas; um caravellão commandado pelo capitão Alvaro Netto; uma lancha grande commandada pelo capitão Antonio da Fonseca. A esquadrilha entrou finalmente na barra, mas quando tentaram desembarcar na costa, os indigenas oppozeram-se com as armas as mão.

Castello Branco sahiu pelo vasto rio, immenso golfo d'agua dôce, até chegar á peninsula Graciosa, situada entre os rios Guajará e Goamá.

Esta peninsula offerecia aliás um aspecto dos mais bellos para um chefe que procurava e escolhia á sua vontade um logar, onde assentasse a capital de uma nova colonia.

Uma extensa bahia, fechada de um lado pelo continente e do outro por numerosas ilhas, em cujas praias voltejavam continuos bandos de aves ribeirinhas de variadas côres; uma ponta de terra um tanto alta, enchuta, bem ventilada, projectando-se sobre a bahia como a ponta do Ouro de Biganeiro; uma aprazivel campina estendendo-se insensivelmente, limitada por densa floresta e coberta de relvas; numerosas choupanas dissiminadas pela superficie d'estes dois logares, mas separadas por um riacho, (Igarapé) bordado de arvoredos e de plantas parasitas que cahiam como que constituindo-se em uma muralha de verduras; tal era sem duvida o espectaculo que se desenvolvia, ante os olhos dos novos hospedes d'estas terras que viam com assombro e talvez com aquelle recolhimento religioso

Universidade de S. Paulo BIBLIOTHECA

que traz sempre ao coração do homem o painel da natureza, conjuncto de grandeza e simplicidade.

Foi n'uma terça feira, em 2 de dezembro de 1615, que Castello Branco aportou ás praias do Aningal a S. O. e muito perto da ponte do Castello. Teve logo uma visita dos chefes Tupinambás, senhores da terra, por quem foi convidado para desembarcar com a sua gente, mas este desembarque só teve logar no dia seguinte.

Os Tupinambás não só receberam em paz e com alegria os hospedes europeus, mas tambem os auxiliaram com os seus braços na diligencia a que se deu Castello Branco, passados alguns dias, de construir um forte na parte mais septemtrional da ponta da peninsula.

Graças a este efficaz auxilio, que os selvagens prestaram sem preverem que cavavam a ruina de toda a sua nação, ficou prompta em breves dias a fortaleza para a qual se passou logo o capitão-mór e uma guarnição e artilheria.

No mesmo logar fez-se uma capella para os officios divinos e ao mesmo tempo se tratou de fundar a cidade.

Os chronistas não nos dão a data d'esta fundação, e Barredo (annaes do estado do Maranhão) apenas se refere ao anno de 1616, como o da creação da cidade, sem o affirmar positivamente.

Tudo induz a crer que não houve fundação propriamente dita, mas que Castello Branco tomaria como data da inauguração da cidade, o dia 8 d'esse mez que é o da Conceição de Nossa Senhora.

O forte e a sua capella, as barracas levantadas toscamente para abrigar os officiaes e soldados e depois transformadas em choupanas construidas á guiza

das dos indios, e por fim ligeiros casebres cobertos de palha para moradia dos homens mais distinctos; eis ahi o que provavelmente foi a primitiva edificação da nova cidade de N. Senhora de Belem, a que Castello Branco, desde a sua chegada, deu o nome de Gran Pará. (a)

II

A derrota dos hollandezes

Pouco depois o capitão-mór Pedro Teixeira, partiu para o Maranhão, a encontrar-se com Jeronymo d'Albuquerque de quem era subordinado, e com o governador geral Gaspar de Souza, em Pernambuco, communicando-lhes o feliz resultado da expedição a que nos referimos no capitulo anterior.

Pedro Teixeira, mancebo talhado para emprezas difficeis, seguiu por terra com alguns soldados e com indios praticos nos trilhos dos mattos e achou na aldeia dos Cahités, hoje Bragança, opposição á sua passagem, mas com tal coragem e prudencia se houve, que os selvagens não só lhe facilitaram o caminho, mas fizeram-se alliados dos portuguezes.

A sua chegada a S. Luiz do Maranhão causou ao mesmo tempo assombro e satisfação a Jeronymo d'Albuquerque que, fazendo seguir para Pernambuco os officiaes de Castello Branco, despachou com a maior

promptidão a Pedro Teixeira para que regressasse ao Pará n'uma lancha grande, munido com todos os soccorros d'artilheria, viveres e soldos para pagamento de officiaes e soldados.

Estes soccorros chegaram breve e muito a proposito a Belem, aonde Castello Branco começava a nutrir sérios cuidados com o rumor da invazão dos francezes e das ameaças de sublevação dos indios, novidades que os seus emissarios lhe traziam de diversos pontos da costa e dos rios visinhos. O que, porém, mais cuidado lhe deu, foi a certeza de se achar ao pé da costa fundiado um navio hollandez que deligentemente procurava communicar-se com os indios aldeados.

Despachou immediatamente duas canôas armadas em guerra e commandadas pelo alferes Gaspar de Freitas de Macedo e Pedro Teixeira, com vinte soldados com ordem de abordar o navio inimigo e tomal-o.

O combate teve logar na noite de 9 de agosto e foi terrivel.

Não obstante o chuveiro de balas que cahiam sobre as canôas, o navio foi abordado com tal destreza e rapidez que quando os hollandezes se julgavam vencedores, viram-se de subito a braços com os abordantes e o combate passou de armas de fogo a armas brancas, e do poder da polvora á força muscular.

Esta lucta durava já a algumas horas, e o sangue corria pelo convez, quando os portuguezes, já muito dizimados, recorreram ao unico meio possivel da salvação:—deitaram fogo ao navio por todos os lados por onde o poderam fazer.

Os hollandezes estavam vencedores, ou como taes se reputavam, vendo retirarem-se os portuguezes; mas o fogo que começou logo a lavrar no navio, foi o inimigo terrivel que os devia vencer; as chammas rebentavam de toda a parte, e em vão os poucos hollande-

zes que restavam vivos e sãos tentaram dominal-as. Os portuguezes, que se tinham affastado, assistiam de longe a este horrivel espectaculo com a satisfação que o fervor da guerra e a sêde da vingança inspira ao coração dos soldados.

As chammas envolveram logo todo o navio; mortos, feridos e moribundos, foram com todos os mais devorados pelo terrivel elemento, escapando apenas um trombeta da guarnição por se ter lançado ao mar e por ter pedido a protecção dos portuguezes que o recolheram na canôa.

Este successo foi festejado em Belem com extraordinaria pompa e grande admiração e foi ao mesmo tempo um grande golpe nos projectos dos hollandezes que tratavam de conquistar o Amazonas; e foi um meio de augmentarem os portuguezes o seu material de guerra, porque Pedro Teixeira, logo que melhorou das duas graves feridas, que recebera na escaramuça, foi ao logar baixo em que o navio se incendiara e conseguiu tirar-lhe toda a sua excellente artilheria, que foi utilmente applicada na defeza da capitania. A estreia militar da nova colonia não podia ser mais brilhante e satisfatoria; o inimigo principal, mais poderoso e mais temido dos portuguezes, foi vencido n'aquella noite e de tal modo a não deixar o menor signal de si, nem a poder avizar aos seus da derrota soffrida. Os Tupinambás conservaram-se em boa paz e amizade com as colonias portuguezas.

Tal era o estado da colonia do Pará, no primeiro anno do seu estabelecimento, em 1616.

III

Victoria dos portuguezes sobre os indios de Cumã e Tupinambás

Fallemos agora da sublevação geral dos Tupinambás que é um dos factos mais importantes da historia do Pará.

Em 1617 começaram os indios a nutrir desconfianças contra os portuguezes e a aleivozia de um indio christão, educado pelos jesuitas, veio precipital-os contra os colonos n'uma lucta formidavel e desgraçada que produziu para a nação Tupinambás os mais funestos resultados.

A Castello Branco chegaram continuos rumores de projectos de sublevação dos indios: e elle sem querer dar-lhe grande importancia, não deixou todavia de dispôr cautelosa e secretamente dos meios de prevenir uma surpreza da grande massa de Tupinambás, no meio dos quaes vivia: a sua prudencia e tino lhe aconselharam a disfarçar o seu temôr com o bom tratamento que dava e fazia dar a todos elles, mostrando

ao mesmo tempo, ter n'elles inteira confiança. Provavelmente esta estrategia continuaria a produzir os mais beneficos effeitos, se uma circumstancia extraordinaria, mais requintada aleivozia de um indio christão, educado pelos padres da companhia, não a tivesse transtornado, distruindo o resultado da prudencia do capitão-môr.

Esse indio, de nome Amaro, residia na aldeia Cumã, hoje villa de Guimarães, em sociedade com outros seus parentes e conhecidos. Passando por alli os Tupinambás do Pará, despachados com cartas de Castello Branco para o capitão-môr do Maranhão o atrevido Amaro tomou a liberdade de abril-as e depois de lel-as declarou aos portadores e a todos os seus patricios que aquellas cartas diziam que se devia reduzir á escravidão todos os Tupinambás e que os portuguezes não deviam, perder a occasião porque era a melhor possivel. Esta perfidia e os discursos que em seguida fez aos principaes e a quantos estavam presentes, dizendo que se acautelassem e salvassem da escravidão toda a sua nação, produziram no animo dos selvagens um effeito assombroso. Gritos de vingança retumbaram em toda a aldeia e foram repercutir-se em todas as aldeias visinhas, ao mesmo tempo que cada um corria a tomar armas e postos. Sob as ordens de Amaro, penetraram em todas as casas, matando quantos brancos encontravam, procurando-os com furor para saciarem o seu odio.

Não achando já a quem matar, marcharam para a aldeia de Tupytapera, hoje Alcantara, e com os indios, d'alli passaram a S. Luiz a extinguir os portuguezes.

Encontraram, porém, no caminho o capitão Albuquerque com alguns soldados que o acompanhavam. Sendo este official inesperadamente atacado pela turba, de cuja snblevação não tinha tido ainda noticias,

não só resistiu ao ataque, mas tomando depois a offensiva, derrotou-a e dispersou-a completamente.

Depois d'esta victoria, recebendo o soccorro de 50 soldados e 200 indios fieis que seu pae J. d'Albuquerque lhe remetteu de S. Luiz, logo que soube da sublevação, derrotou e perseguiu os Tupinambás até 50 legoas pelo sertão dentro, d'onde voltou victorioso.

A noticia da sublevação em Cumã chegou logo aos Tupinambás do Pará, e todos os que viviam nos logares mais visinhos á cidade, sublevaram-se no mesmo dia, com furor egual ao dos seus patricios de Cumã. Castello Branco, porém estava preparado para evitar as consequencias d'esse furor. Do dia d'essa sublevação data a guerra sanguinolenta provocada pelo perfido Amaro, guerra que trouxe a destruição quasi completa d'esse povo heroico, que, para ser uma grande nação só lhe faltava o auxilio de civilisação, quero dizer do christianismo e da instrucção.

Abreviemos, porém, esta narração.

Os Tupinambás foram derrotados totalmente para nas aldeias de Cajú e Muticeira pelos capitaes Diogo Botelho e Gaspar de Freitas. No Igarapé accossaram os portuguezes e os obrigaram a retirar-se, mas foram da novo por estes atacados e fogiram. O capitão Madeira destroçou-os tambem no Guamá.

Derrotados em outros pontos não se submetteram mas desappareceram, concentrando-se em logares desconhecidos. Os que ficaram fieis aos portuguezes foram tratados com bondoza amizade.

Em junho de 1617, tornando-se indispensavel a assistencia de missionarios e tendo-se os jesuitas recuzado em 1614 a civilisar os indios do Maranhão, allegando que não valia a pena tal missão, o governo fez partir para o Pará em 1617 missionarios Franciscanos, e estes promptamente seguiram em numero de quatro, sob a direcção de frei Antonio de Morciana, chegando to-

dos a Belem em fins de junho, em companhia do primeiro provedor da Fazenda Real da Capitania, Manoel de Souza d'Eça.

Levantaram para sua moradia um hospicio no sitio de Una, hoje Pena Cova e ahi se estabeleceram em 1718. — Pedro Teixeira, já capitão, indo resgatar um portuguez captivo entre os indios, ao sahir de noite do rio dos Coribocas para a cidade, foi atacado pelos selvagens, mas estes depois de um combate obstinado que durou toda a noite, foram derrotados totalmente.

O mesmo capitão destroçou, pouco depois, os indios no Guajará, tomando-lhes um fôrte depois de renhido combate.

O padre Manoel Figueira de Mendonça, a quem estava incumbida a cura d'almas da Nova Belem, foi definitivamente nomeado por Luiz de Souza, governador do estado do Brazil e vigario da respectiva freguezia.

Antonio Cabral, sobrinho de Castello Branco, encontrando em logar publico o capitão Alvaro Netto, que era desaffeiçoado seu e de seu tio, assassinou-o a punhaladas; dois capitães amigos do finado, dirigiram-se ao capitão-mór dizendo-lhe que o povo havia corrido ao logar de crime a exegir com insolencia e desconcerto a vingança do morto, com a punição prompta do assassino. Depois, assustados das expressões e insultos da multidão e do silencio expressivo do capitão-mór, correram a exilar-se no conventinho dos Franciscanos.

Castello Branco dessimulou a sua colera, e prendeu na fortaleza o sobrinho para dar satisfação á lei e ao publico. Os aduladores, que já n'aquelle tempo começavam a impestar a nascente cidade, rogaram-lhe que pozesse em liberdade o sobrinho, por ser necessario á guerra contra os indios.

O capitão-mór não só attendeu a isto promptamente, mas, vendo-se assim apoiado por vis sequazes, deu

expansão aos seus recentimentos, mandando prender os dois officiaes que o preveniram do crime e que se haviam refugiado no conventinho.

O capitão Balthazar de Mello, encarregado d'esta deligencia, demorou-a de modo a dar tempo a organisar-se uma conspiração, cujo resultado foi de tal modo prompto e imprevisto que na mesma noite em que deviam ser presos os officiaes, o foi, em vez d'elles, o proprio capitão-mór com tão brutal modo, que, emquanto um dos conspiradores lhe apontava um punhal ao peito, um outro mettia-lhe um grilhão nos pés, ao mesmo tempo que todos o declaravam deposto do cargo que exercia.

Assim depois de ter por seus merecimentos militares sido nomeado com muito applauso capitão-mór e encarregado da conquista do Pará; depois de ter fundado a cidade, cabeça da sua capitania, dado regulamentos, introduzindo a ordem e organizando o governo da republica, segundo a phrase empregada n'aquelle tempo; depois emfim, de ter por sua energia, prudencia a capacidade construido os primeiros fortes, elementos contra a invasão hollandeza; batido e repellido as massas immensas dos Tupinambás rovoltados, e assegurado a tranquillidade, socego e o futuro da cidade e da colonia; Castello Branco como Christovam Colombo, em recompensa de tantos serviços, foi preso e remettido como criminoso para a Europa.

A Provincia do Pará foi governada por 6 capitães-móres, dos quaes foi 1.º o seu illustre fundador, Francisco Caldeira Castello Branco, e por 38 capitães-generaes, sendo o 1.º Francisco Coelho de Carvalho, que morreu n'aquella Provincia, e o ultimo Antonio José de Souza Manoel de Menezes, conde de Villa Flôr, e depois Duque da Terceira.

IV

Fundação da villa de Portel. Esclarecimentos diversos. Proezas do verdugo Pantoja

Se nos propozemos a escrever estes pontos apanhados da historia do Pará, é para mostrarmos que alli sempre houveram homens perversos desde a sua fundação. Adeante, pois, mostraremos alguns casos dados já no presente seculo. Bem sabemos que o illustrado snr. dr. Rayol, nos seus *Motins Politicos* que escreveu no Pará, se occupa mais da epocha de 1835 e que não relata casos que se deram no interior da provincia, nem dá conta de um heroe d'aquella mesma epocha, que atterrou as margens do baixo Amazonas.

Provavelmente o illustre escriptor não tinha conhecimento dos casos que vamos retatar, ou não quiz inserir na sua obra casos de tanto horror o que agora fazemos, mostrando com isto que os verdugos de todos os tempos são os mais bemquistos pelos governos.

Assim, pois, tratando da historia da fundação da villa de Portel, vamos relatar o que sabemos ácerca de

um individuo que alli houve e que ainda não ha muito que desappareceu de entre os vivos.

Corria o anno de 1846. Avistou-se navegar na grande Bahia de Portel uma embarcação com direcção á mesma villa. O vento era favoravel e não tardou que o barco viesse ancorar no logar competente. Um escaler derigiu-se á ponte de madeira que se estende no litoral d'aquella villa, e um individuo de nome Gil, desembarcou e tratou logo de procurar a authoridade policial, afim de lhe apresentar o seu passaporte, que era de nacionalidade portugueza. Pertendia estabeleeer-se no commercio. Logo lhe indicaram a residencia do sob-delegado que era um tal Joaquim Raymundo Pantoja, heroe das façanhas que vamos relatar.

Não tardou Gil a ir á residencia d'aquella authoridade e quando entrou n'aquella habitação logo conheceu que aquella casa era cheia de horrores, como facilmente viu pela sua apparencia.

Uma pequena sala, cujos ornamentos eram:—um bufete de madeira, circumdado por dois bancos, pendente das paredes viam-se espingardas de diversos generos, espadas, terçados, punhaes, pistolas, machados e cacetes. Eis ahi os ornamentos da sala da nossa authoridade!

Em um dos bancos estava sentado o nosso heroe: raça cabocola, alto, gordo, pernas delgadas, cara grande, nariz enorme e achatado; cahiam-lhe sobre as faces camadas de rugas com que os sessenta janeiros o sellaram, olhos redondos e pequenos, similhantes aos da tuninha, sobrancelhas destituidas de cabello, porém carregadas sobre os encovados olhos, bocca grande, os beiços eram apenas uma pelle que lhe cobriam as desdentadas gengivas, mãos e pés grandes, e o dedo pollegar da mão direita vergado sobre a palma da mão, seguindo-se que para escrever servia-se com os dois que se seguem ao pollegar.

Gil apresentou-lhe o passaporte e pondo-lhe o *visto*, perguntou-lhe o nosso heroe:

— Vem com destino de residir aqui?

Gil respondeu affirmativamente. O nosso heroe continuou:

— Sabe ém que logar está?

Gil respondeu:

— Sei, é Portel.

— Não, este logar chama-se: *ouvir, ver e calar.*

Gil comprehendeu bem a phrase, seguiu o seu caminho e foi estabelecer o seu commercio em frente á casa do commerciante Vieira Martins, unico estabelecimento que havia então n'aquelle logar.

No anno de 1835, epocha em que appareceu a revolução denominada *Cabanagem*, tratou o nosso heroe de transformar uma pequena embarcação mercante em barco de guerra, e fazendo embarcar uma commitiva de individuos escolhidos a dedo, resolveu seguir para o Amazonas, ponto da sua nefanda empreza, afim, dizia elle, de trabalhar em favor da legalidade e acobertando-se com esta ideia não perdeu tempo, partindo como já dissemos para o baixo Amazonas, onde fez proezas proprias do seu mau instincto. — Que fazia elle? — Bater os rebeldes? — Não. Elle apenas se encarregava de fazer abordar toda e qualquer embarcação que julgava não trazer forças superiores ás suas, afim de roubar, matando a tripulação, caso resistisse. Se o leitor for ancioso em querer saber as façanhas d'este verdugo, peço-lhe que me acompanhe até ao districto da Villa de Breves, logar denominado dos *Macacos*.

Foi n'este logar onde tiveram principio os primeiros actos de selvageria praticados pelo celebre Pantoja.

Este homem aterrava as margens do baixo Amazonas no anno de 1835, epocha esta em que a Provincia do Pará luctava com a encarniçada guerra denominada *Cabanagem* mas os actos praticados pelo Pantoja pas-

Universal de S. Paulo BIBLIOTHECA

savam acobertados com os serviços que elle dizia prestar em favor da lei.

Com effeito Pantoja era o maior verdugo d'aquelle tempo, se os *Cabanos* ou por outra os rebeldes saciavam os seus instinctos de selvageria, assassinando e roubando seus irmãos, bem se póde dizer que Pantoja era o chefe da carnificina.

Elle tanto assassinava *Cabanos* como *Legaes*, elle tanto roubava uns como outros, elle, emfim, era o maior inimigo do genero humano, de que temos lembrança. Alli, no logar dos *Macacos*, estava elle em um barco de nome *Despique* ancorado no rio do mesmo nome. Fazia abordar todas as pequenas embarcações que passavam proximas ao seu *Despique*, mas quaes os fins para que o fazia?

— Para matar e roubar!

Era um verdadeiro pirata.

Passava um pequeno barco de nome *Ventura*, propriedade de um portuguez de quem não nos lembra agora o nome. Este barco vinha da capital para o Amazonas, tendo o proprietario obtido do governo Provincial um rodisio, não só para guardar a sua propriedade e vida, mas tambem a de muitas familias que a bordo do *Ventura* seguiam para diversos pontos do Amazonas.

Logo que se approximou o *Ventura*, ao *Despique* Pantoja mandou um escaler a bordo d'aquelle, intimar ao mestre ou dono para que désse fundo.

Este cumpriu a ordem immanada do chefe do *Despique*. Voltando o escaler, Pantoja tratou de indagar dos seus o que viram a bordo do *Ventura* estes responderam-lhe que vinham muitas familias e que o barco vinha guardado por um bom rodizio, accrescentando mais que o *Ventura* estava bem carregado de fazendas e generos alimenticios.

Pantoja não perdeu tempo; de novo mandou inti-

mar o dono do *Ventura* para que lhe entregasse o rodizio que guardava o seu barco, pois, dizia elle, que estava trabalhando em favor da lei e não consentia que qualquer barco armado em guerra passaase aquellas aguas, que elle resgatava do poder dos *Cabanos*. Eram porém, as vistas de Pantoja desarmar o barco *Ventura* e depois apossar-se não só do barco, mas do seu carregamento, e quem sabe? teria de entulhar o canal d'aquelle rio com os cadaveres d'aquellas muitas familias que se transportavam a bordo do *Ventura*, porém d'esta vez Pantoja não foi felizmente bem sucedido nos seus malevolos intentos.

Intimado que foi o dono do *Ventura*, deu de resposta para levarem ao chefe do *Despique*: — Que não entregava o rodisio, pois o tinha recebido do governo para guardar o seu barco e as vidas de muitas pessoas que alli se achavam. Pantoja ao receber esta resposta ficou tão encolerisado que resolveu ir com uma força armada a bordo do *Ventura* afim de tomar o referido rodizio. Quando, porém, o dono do *Ventura* viu irem em direcção a bordo do seu barco com aquelle apparato bellico, acendeu immediatamente o morrão e fez a bocca do rodisio em direcção á força de Pantoja.

Este verdugo animoso para emprezas d'esta ordem teve de recuar, porque quem brandia o morrão sobre o ouvido do rodisio, era um portuguez, cujo peito não receiava expor-se ás ballas do tyranno, para salvar muitas familias brazileiras que se comprometeu, perante o governo da Provincia, levar a salvamento aos portos de seu destino. Recuou Pantoja, porque via deante d'elle a morte vibrada pela mão de um homem que tinha consciencia do que fazia, evitando assim o mal que aquelle selvagem preparava contra a commitiva do *Ventura*.

V

Novas proezas de Pantoja

Voltou finalmente Pantoja para bordo do *Despique* emquanto o *Ventura*, suspendendo a ancora seguiu pelo Amazonas acima.

Pantoja espumava de raiva por ser a primeira vez que se via abatido.

Emquanto elle dava ordem para suspender a ancora do *Despique* tambem ordenava que pozessem o almoço na meza.

Tinha elle por costume, quando comia, conservar um par de pistolas ao seu lado. Estava comendo uma laranja e deu um golpe com a faca na mão esquerda.

O pequeno que servia á meza, teria nove para dez annos, riu-se do golpe que Pantoja tinha recebido; elle que estava cheio de colera, não trepidou em agarrar n'uma das pistolas e dizendo: — «Pois tu riste?» disparou rapidamente sobre a cabeça do menino que morreu estantaneamente, ordenando depois que lançassem o corpo ao rio com um peso aos pés.

Pantoja sentiu na sua geute um modo como des-

approvando o procedimento barbaro que praticou na pessoa do infeliz menino e então dirigiu-se a ella fazendo-lhe ver que as suas ordens deviam ser eumpridas á risca, e que todo aquelle que tentasse desapprovar um acto seu, seria castigado.

Porém, dois dos individuos da sua commitiva fallaram por sua vez, fazendo-lhe ver que a sua missão era outra e não assassinar innocentes como o que acabava de morrer á bocca da sua pistola

Foi isto bastante para o malvado chamar á postos a sua gente e ordenar que se amarrassem os dois que tinham sentido a morte do infeliz menino.

Com effeito o malvado depois de os amarrar de mãos atraz das costas, perguntou-lhes que systema de morte queriam.

Este acto atterrou aos dois que viam deante de si o abysmo, e aos seus companheiros que os viam desapparecer d'entre os vivos, de um modo tão infame; porém os dois ainda contavam que o fatal caso não se désse, esperando a opposição de seus companheiros. Finalmente elles tinham de cumprir um mandato do algoz e principiou a lembrar ás victimas o modo que podiam escolher para morrer.

Disse elle: — Vede lá, se quereis morrer pondo a cabeça á bocca de uma peça, se a punhal, se açoitados. se amarrados ambos costas com costas e lançados ao mar, se emfim guindados na verga da embarcação e de lá precipitados? Eia, escolhei, o tempo urge!

Os infelizes vendo que a sua ultima hora era chegada, lançaram-se aos pés do verdugo, mas inutilmente.

Afinal resignaram-se a acceitarem o serem lançados ao mar. — Pois bem, accudiu Pantoja, já vedes que eu não sou tão mau como vós o dizeis; até ponho em vossas mãos a escolha; sois vós que procuraes o genero de morte que mais vos convém.

Dizendo isto mandou ligar costas com costas aquelles infelizes que recommendavam suas familias aos seus companheiros pedindo-lhes que contassem o modo e o motivo da sua desgraça do fim.

Preparados que estavam os dois infelizes para serem deitados ao mar, ordenou Pantoja que se chegassem á amurada da embarcação doze individuos da sua commitiva com suas clavinas e que se preparassem em acção de fogo e promptos á voz d'elle, verdugo.—Agora, disse elle aos infelizes, vós escolhestes a morte, escolho da minha immediata resolução dar-vos uma descarga de doze tiros, pois guerreiros como vós não devem ser sepultados sem o competente funeral. Acabadas estas palavras elle mesmo se encarregou de os lançar ao mar. Dois grandes gritos sahiram da bocca dos infelizes que exclamaram: «Valha-me Nossa Senhora!» e ao mesmo tempo o cruel dava a voz de fogo, e doze ballas se cravaram nos corpos dos dois, que depois luctaram com as ancias da morte, fazendo grande reboliço nas aguas tintas de sangue!

Finalmente, depois d'este horrendo espectaculo, o barco *Despique* fez-se de vella em direcção ao Amazonas. O malvado sempre espreitava onde devia reprezentar novas proezas, e por isso dirigiu-se á villa de Almeirim.

VI

Pantoja em Almeirim

Logo que alli chegou, tratou de indagar do que havia ácerca dos *Cabanos;* informaram-o de que aquelles rebeldes estavam alojados nos campos que atravessam de Almeirim a Esposendes.

Destinou dar-lhe um assalto e desalojal-os.

Pantoja, selvagem sem tatica e sem calculo algum, perdia emprezas d'esta ordem, e dava logar a que o inimigo se affastasse antes de entrar em combate; fazendo-o talvez com receio que alguma balla o visitasse.

Poz-se finalmente a caminho levando comsigo um guia que pôde obter n'aquella villa, e que era um bello rapaz de corpuratura elegante.

Seguiram. Quando, porém, chegaram ao logar destinado, prepararam-se para darem ataque, escutaram para ver se ouviam algum rumor, porque, como a noite estava muito escura, nada se podia fazer sem que sentissem um pequeno signal.

Pouco depois devisou-se uma luz que parecia a de um archote guiado por mãos de algum dos *cabanos*.

Pantoja deu ordem de avançada, mas a luz sumia-se aqui, apparecia acolá, e a coruja de um lado, o murucutu (b) do outro, davam de quando em quando signal com um monotono piar de mau agouro.

Pantoja avançava com as forças de que despunha, e approximava-se ao alojamento dos *cabanos*.

De repente os relampagos fuzilam em todas as direcções e a natureza arqueja nos braços herculeos d'uma medonha tempestade.

Pantoja não vacilla e continua a sua não interrompida marcha.

Mas a luz tinha desapparecido e o guia já duvidava da posição dos *rebeldes*. Um relampago, porém, veio mostrar o alojamento d'elles que não distava muito longe. As barracas dos *rebeldes* estavam a peito descoberto, nem uma muralha as defendia.

Pantoja já mais satisfeito, persuadiu-se que era facil o desalojamento.

Mas enganou-se.

Os *rebeldes* tinham uma trincheira terrivel!

Não era uma trincheira levantada por mãos de habeis engenheiros, mas sim; uma estacada de pontas agudas de pachiuba e acapú, que cercavam o alojamento e cujas pontas agudas eram mais terriveis do que o aço.

Pantoja avançava com a sua gente, mas qual foi o seu pasmo, quando se viu embaraçado por aquella trincheira tão engenhosamente architectada! Elle e os seus, sem poderem tomar a offensiva, tiveram de recuar—com certo custo.—Esta lição aproveitou-lhes de futuro.

Voltou Pantoja para Almeirim, fazendo ahi embarcar toda a força e apresionando o guia, que o levou com as suas tropas ao reducto dos *cabanos*. Depois d'is-

to fel-o guindar á altura superior do mastro mais elevado do *Despique* e ordenou que o precipitassem ao convez!

Pobre rapaz!

O malvado ria-se e fazia moffa dos seus proprios crimes!

Porém, o algoz não contente com a desastrada morte do infeliz, ainda descarregou ao ouvido do cadaver uma pistola, acto ultra-carniceiro que fez estremecer de horror todos aquelles que o presenciaram.

O corpo do infeliz foi lançado ao mar, emquanto que os paes da victima presenciavam do alto d'Almeirim aquelle espectaculo horrivel.

Os *cabanos* sabendo que Pantoja tentou dar assalto ao seu alojamento, resolveram sahir a campo e vir atacal-o em Almeirim.

Esta povoação situada em terreno alto, na margem esquerda do Amazonas, e intrincheirada pela fortaleza, já em ruinas, que pertenceu em tempo aos hollandezes, ponto d'onde os *cabanos* fizeram combate a Pantoja, que recebeu uma bala na mão direita, da qual ficou aleijado. Viu-se obrigado a suspender a ancora do *Despique* e a seguir o Amazonas rio acima, sempre com vistas em vingar-se no portuguez, dono do barco *Ventura*, dizendo ao mesmo tempo que não descançaria emquanto não soubesse a residencia do que teve o atrevimento de resistir as suas intimações.

Sabendo, porém, que o referido portuguez era fazendeiro da Prainha, dirigiu-se para este ponto.

Ao passar o furo do *Paracuará* (c) teve um tiroteio com uma pequena canôa, que não quiz obedecer, quando Pantoja tentava abordal-a ao *Despique*. Resultou metel-a a pique, e aos conductores da pequena embarcação que poude agarrar deu morte egual á do infeliz guia de Almeirim.

Seguiu finalmente esta féra, e foi dar fundo na Prainha, onde fez novas proezas de selvageria.

VII

Pantoja na Prainha

Na Prainha soube Pantoja, que o portuguez dono do *Ventura* vivia ainda na sua fazenda; ponto de vista onde julgava saciar a sua cêde de vingança. Resolveu, por tanto, atravessar os campos da Prainha, e por onde passasse mandar matar gado como que fosse propriedade sua.

Chegado que foi a caza do referido portuguez, que não contava com semelhante visita, mandou amarral-o. Lançaram-se a mulher e a filha da nova victima aos pés do algoz, pedindo-lhe que não matasse seu marido e pae; porém, elle só as attendeu quando ellas lhe trouxeram todo o dinheiro e joias que possuiam.

O malvado recebeu avidamente o producto das economias das suas victimas e disse-lhes:

— Não lhes faço mal, podem estar descançadas, e retirou-se com o roubo, deixando aquella familia em sobresalto e penuria.

O malvado ainda não satisfeito com o que acabava da praticar, mandou pessoas de sua confiança prender novamente o portuguez, e conduzil-o a bordo amarrado de pés e mãos.

Chegado que foi o infeliz a bordo do *Despique*, disse-lhe o malvado que elle ia morrer, attendendo o ter incorrido na culpabilidade de proteger e perfilhar as ideias dos *cabanos*.

Novas supplicas appareceram da familia do infeliz, porém, tudo foi baldado.

— Senhor, disse o portuguez, salvae a minha vida e a de minha familia e tomae conta das minhas propriedades. Eu vol-as dou como resgate.

— Pois bem, disse o verdugo, acceito a vossa proposta, mas é preciso que me façaes escriptura dos vossos bens como vendidos.

— Acceito, respondeu o infeliz.

Veio tinta e papel, passou-se a escriptura que assignou o portuguez, ficando Pantoja senhor d'uma vasta extenção de terreno, e de todas as suas propriedades.

Depois o malvado anteveu que a vida do portuguez lhe seria fatal, pois logo que as cousas socegassem traria graves consequencias a escriptura; portanto aconselhou ao portuguez que não voltasse a casa e para que seguisse para logar remotto aonde os *cabanos* não podessem chegar, e que elle Pantoja se encarregava de o pôr em logar occulto, até que terminasse a revolução.

O portuguez vendo que a sua felicidade estava em safar-se das garras d'aquella féra, annuiu á sua proposta.

Pantoja conduziu-o ás margens d'um lago, onde lhe levantou uma barraca para elle residir, encarregando-se elle proprio de dizer á familia do desventurado que, elle portuguez, estava occulto para não ser victima dos rebeldes.

Assim o fez, deixando o homem na cabana que fez levantar.

Na noite seguinte, Pantoja ordenou á sua gente que sabia onde tinha ficado o portuguez, que o fossem matar.

Com effeito, os algozes, chegando alli de noite, cravaram de punhaladas o desgraçado, deixando o corpo da victima servindo de pasto aos corvos.

O portuguez tinha na mão esquerda um dedo de menos, era o signal que os algozes tinham de trazer ao chefe malvado, para provar o comprimento das ordens que este lhes tinha dado.

VIII

A má situação de Pantoja na Prainha obrigou-o a regressar a Portel

Os poucos habitantes da Prainha não estavam satisfeitos com a estada entre elles d'aquelle algoz; elle, porém, conheceu a sua má situação e resolveu voltar d'aquelle porto com direcção á Villa de Portel, logar do seu nascimento. N'este regresso vinha elle fazendo estragos, matando, roubando e apossando-se, finalmente, d'aquillo que lhe fazia conta, pois via que o tempo lhe era curto para tão nefanda vida.

Chegado que foi á Villa de Portel, manifestou todas as suas heroicas proezas, trazendo a bordo dez mancebos presos; e querendo dar um festim em honra dos seus feitos, marcou o mesmo dia do festim para dar cabo dos dez mancebos a quem elle dava nome de *cabanos*, convidando para abrilhantar este acto (repugnante) o padre Pestana que foi testemunha da carnificina d'aquelle monstro!

Ao almoço, e depois de uma grande orgia, foram

aquelles dez infelizes apunhalados e lançados ao mar com ballas aos pés.

O padre Pestana bem se destinguiu nas façanhas d'aquelle dia, mas Pantoja, o monstro d'aquella época, nunca mais se atreveu a atravessar a grande Bahia de Portel, com receio que os mortos que jaziam nas profundidades das aguas se levantassem contra elle.

Caso notavel; elles, Pantoja e o seu cumplice, no ultimo attentado que narramos, faziam um grande rodizio para não passar no logar d'aquella triste scena.

Não punham duvida em contar com o maior cinismo as suas proezas. Os da sua commitiva eram outros tantos malvados que se espalhavam no districto de Portel, tendo sempre Pantoja uma escolta d'aquelles, os mais sedentes de sangue humano, como seus guardas costas.

Chegou a dominar o povo de Portel e trazel-o como seu escravo; e, ai d'aquelle que lhe desobedecesse!...

A guerra da cabanagem tinha terminado. Servia-lhe depois o *Despique*, onde foi theatro das suas crueldades, para conduzir o que tinha roubado ao infeliz portuguez, por meio de uma escriptura fraudolenta.

Foi quando o *Despique*, depois de revolta, voltou pela primeira vez a Prainha, que a familia do portuguez soube que já não axistia o seu chefe, e que os seus bens eram complemente esbolhados sem ao menos lhe ficar um grão com que podesse sustentar-se.

A viuva, porém, escreveu a Pantoja pedindo que lhe deixasse alguma couza para sustentar seus filhos. O tyranno respondeu-lhe: que a melhor esmolla era não lhe ter dado o mesmo destino que déra a seu marido.

Foi d'esta fórma que o tyranno adquiriu fortuna que certamente não alcançaria á custa de um honesto trabalho.

Univers. de S. Paulo BIBLIOTHECA Fac. de Philos. Sciencias e Lettras

IX

Occorrencias dadas com Pantoja em Portel. A festa de S. Lazaro

Vigiemos-lhe agora os passos em todos os cazos na Villa de Portel.

Havia n'esta villa um velho de nome Angelo Miguel que tinha occupado antigamente o logar de official de Justiça do Juiz ordinario. Havia o quer que fosse entre este e Pantoja pelo que se respeitavam mutuamente sem comtudo se fallarem.

Escogitei a ver se descobria este mysterio, o que poude obter vou relatal-o:

Faz-se todos os annos na Villa de Portel a festa a S. Lazaro, e Angelo Miguel era o juiz d'esta festa.

Vamos narrar os pormenores da festa.

Um mez antes levanta-se um grande mastro, enfeitado com murta e flores silvestres. No topo do referido mastro vê-se uma bandeirinha onde se estampa grotescamente a imagem do santo. Quando o mastro

se levantou, a bandeirinha, impellida pelo vento, ficou em direcção da casa de Pantoja.

Note-se que o povo de Portel, muito supristicioso, acreditava que no acto de levantarem o mastro, volvendo-se a bandeirinha para casa de quem quer que fosse, devia ser o inquilino o juiz do anno vindouro, pois diziam elles que o santo escolheu aquelle para juiz. Portanto, tendo-se virado a bandeirinha para casa de Pantoja, era elle o juiz da festa.

Corre o mez, a festa approxima-se, e no dia d'ella sahem o juiz e a juiza de sua casa acompanhados, não só dos seus mordomos e mordomas, mas tambem da população que se reune na villa para assistir á festa. O juiz é coroado com um diadema de folha de flandres, levando na mão um sceptro. Vem descalço e de jaqueta preta; os mordomos e mordomas seguem o juiz; cada qual leva uma varinha tinta de preto e enfeitada com laços de fita, formando em quadro, e pegando cada uma nas extremidades das varinhas de fórma que o juiz dentro d'esse quadro, vae coberto com um grande e velho guarda chuva escarlate.

Adeante uma velha leva o *sairè;* aos lados duas meninas de seis a oito annos pegam nas pontas das fitas pendentes da *sairè.*

O *sairè* é um arco enfeitado com algodão em rama, flores e fitas e que na cupula tem uma cruz.

A velha que segura a *sairè*, vae assenanda com elle e fazendo cortezias para deante, ora virando-se para a juiz, ora para os lados contando em voz alta estas palavras em lingua indgina: Santa Maria *cunhã mucú cariua poranga,* que significa—Santa Maria é moça branca e bonita. Outras vezes cantava: o snr. Juiz *curumy assú poranga,* quer dizer—o snr. Juiz *é moço* grande e bonito; embora seja velho como Angelo Miguel que contava cento e quatro annos de edade.

Adeante do *sairé* seguem seis caboculos vestidos

com trajes de mulher e torbantes na cabeça, feitos de sabugo do buruti, tambem ornados de fitas, tocando pandeiros, violas, aliás desafinadas, tamborinho e uma pequena gaita feita de uma fina taboca.

Á frente d'estes, vae um outro com uma grossa taboca, cuja voz parece a de uma corneta infernal, a que dão o nome de *turé*, instrumento favorito do nosso juiz.

Ao chegarem á egreja ha tiros de ronqueira, foguetes e repiques de sinos.

Aquella pandorgafica musica fica em alas dentro do templo de capacete na cabeça, dando entrada ao juiz. Apparece-lhe o padre tomando a corôa e o sceptro do juiz que colloca sobre o altar. Aqui esforçam-se os tocadores de pandeiros para que os seus instrumentos sejam tangidos com a maior força possivel, seguindo-se uma missa cantada, e depois d'ella o padre torna a pôr a corôa na cabeça do juiz e seguem para a casa da festa o padre, o sachristão com a caldeirinha seguindo-se-lhes as authoridades do logar para assistirem ao jantar chamado *dos cães*.

O prestito segue na mesma ordem que veio, com a differença que leva maior numero de povo.

Chegando a casa da festa, o padre tira a corôa da cabeça do juiz e colloca-a sobre uma meza preparada para este fim.

Esta festa tem por symbolo dar um jantar aos cães.

N'este dia todos os moradores levam seus cães para o jantar, sendo elles os primeiros que jantam.

Estende-se um grande panno no chão, sobre este tantos pratos quantos são os cães, e depois do padre ter benzido o comer, cada um bem trazendo o seu cão enfeitado o melhor possivel, e emquanto comem os animaes, o juiz vae fazendo brindes ás pessoas que alli se acham.

Findo este acto segue-se o jantar ás pessoas, que tambem e benzido pelo padre, e depois d'este findra, segue-se a eleição dos mordomos, não sendo preciso fazer-se a do juiz, visto o Santo tel-o escolhido, segundo a indicação da bandeirinha.

Porém, tendo, como já o dissemos, recahido a escolha da bandeirinha na pessoa de Pantoja, este não quiz acceitar o juizado e os circumstantes revoltaram-se contra este procedimento.

Um preto que estava mais magoado do que todos, da recuza de Pantoja, murmurou algumas palavras.

Pantoja que ouviu as queixas do preto, lançou as mãos a um cacete e deu-lhe com elle até o pôr ás portas da morte.

O povo gritava, os cães ladravam, mas ninguem se atrevia a lançar as mãos a Pantoja, era uma vozeria infernal.

O padre recolheu-se a toda a pressa para casa; nem era de esperar outra cousa.

Como Pantoja se recuzasse, segundo as regras que tinham estabelecido, era o mesmo Angelo Miguel que tinha de servir para o anno vindouro.

O antigo official de justiça, que apezar dos seus cento e quatro annos ainda tinha um braço forte e disse-lhe:

—Já te esqueceste que em tempo te levei por muitas vezes prezo á presença do juiz, devido a muitas desordens que fazias, sabes que se agora não existe o juiz d'aquelle tempo. ainda existe o antigo official de justiça a quem tu sempre respeitaste, e portanto já que não respeitas o acto, respeita ao menos o Angelo Miguel—e empurrando-o, atirou-o por terra, ordenando que o pozessem fóra da sua residencia, que era indigno de habitar entre aquelles que o sabiam respeitar.

Pantoja abatido pelas mãos de um velho de tão

elevada idade, levantou-se enfurecido e deu uma tremenda cacetada no antigo official de Justiça, deixando-o bastante maltratado.

elevada idade, levantou-se enfurecido e deu uma tremenda cacetada no antigo official de justiça, deixando-o bastante maltratado.

CAPITULO X

A morte do antigo official de Justiça e a ladainha do corpo presente

Pantoja retirou-se emquanto Angelo Miguel, apezar da bordoada lhe ter feito algum abalo, pegava no seu favorito toré, instrumento com que passava a maior parte do tempo, e soprando os caboculos, juntaram-se novamente com as suas violas e pandeiros. A ordem restabeleceu-se e a festa continuou tres dias, é o minimo da festa. Finda ella, Angelo Miguel sentiu-se encommodado, soffrimento devido á bordoada que Pantoja lhe déra, e o caso é que em poucos dias elle estava na eternidade.

Tendo morrido em uma sexta-feira, dia proprio para lhe ser cantada uma ladainha de corpo presente, costume entre aquelle povo.

A noite estava o corpo d'aquelle antigo official de Justiça estendido sobre uma esteira á luz de uma pequena vela de cêra e um pequeno crucifixo, era o unico ornamento funebre.

Cantou-se a ladainha do corpo presente, finda ella, distribuiu-se com grande profusão por todos os assistentes aguardente de tiquira, e elles abusando cahiram no somno da embriaguez, sendo preciso virem pessoas estranhas sepultarem o cadaver.

Pantoja foi acuzado de ter sido o causador da morte de Angelo Miguel, porém, dizia elle com o maior cynismo:

— A um velho de cento e quatro annos não é crime dar a morte.

Nada aconteceu a Pantoja.

Uma filha do fallecido foi quem se encarregou de fazer a festa de S. Lazaro no anno vindouro.

CAPITULO XI

Gil encontra-se com Pantoja em um passeio

Gil tinha por costume passeiar a cavallo em uma larga estrada que seguia da villa de Portel á praia denominada *Manarijó*.

Os passeios eram sempre effectuados á tarde.

Era uma linda tarde de verão. Gil sahiu da villa com direcção á referida praia; um quarto de hora depois, encontrou-se com Pantoja que tambem vinha montado em um velho e ronceiro cavallo. Gil convidou Pantoja a voltar á praia, embora a noite se approximasse.

Pantoja aceitou o convite, e approximando-se de Gil, deu principio a uma conversa sobre desintelligencias entre tres individuos, que eram Antonio, Guilherme e Malheiros, dizendo:

—Malheiros está a sangue frio e dá fogo contra Antonio e Guilherme.

Pantoja quiz ver se arrancava algumas palavras a Gil, para assim conseguir tirar partido, que muito lhe

convinha para o drama que elle tinha em vista executar.

Porém, Gil ia-lhe dizendo que nada sabia a respeito das desintelligencias dos tres, cingindo-se ao dito d'elle, *vér, ouvir e calar*.

Resolveram os dois voltarem para a villa já com o escuro da noite.

Os dois cavalleiros apeiaram-se á porta do padre Pastana, tomando um creado as cavalgaduras para as levar ao seu destino.

— Ao banho, disse o padre Pastana.

Os dois cavalleiros aceitaram o convite e dirigiram-se para a extensa ponte da localidade.

Chegados que foram alli, sentaram-se todos tres n'um banco, e tratou-se da intriga havida entre os tres já referidos, era a ordem do dia. Gil como sempre sem approvar cousa alguma; deram oito horas no campanario, hora em que sahiam do banho.

O padre ficou em sua residencia, Pantoja e Gil seguiram para suas cazas, mas aquelle ficava a meio caminho, e este tinha que o seguir.

No momento em que Gil passava a caza de Vieira Martins, estava no seu estabelecimento uma roda de individuos que apostavam a sorte das cartas.

CAPITULO XII

O tiro em casa de Vieira Martins

Gil observou isto entrando por uma das portas e sahindo por outra rapidamente. Logo que entrou na sua caza, que era vis a vis, ouviu um tiro de espingarda. As portas da caza de Vieira Martins fecharam-se rapidamente.

Não se ouviu mais o menor rumor.

— Que será isto?! disse Gil comsigo, prestando ao mesmo tempo attenção.

Tudo estava em silencio.

Passados alguns minutos ouviu-se o tinido de um telim e desembanhar-se uma espada. Pouco depois ouviam-se na casa de Vieira Martins uns gritos que diziam:

— Ai que me mataram!

Gil estava á sua porta observando tudo. Pantoja e outro companheiro de nome Rozas approximaram-se d'elle com modo imperativo e perguntaram-lhe:

— Onde foi o tiro?

—Não sei, ouvem-se gritos em casa de Vieira Martins.

Pantoja, Gil e Rozas encaminharam-se para lá, bateram á porta, e depois de se darem a conhecer, abriu-se logo.

E perguntando ao dono da caza quem estava ferido, este respondeu-lhe que Antonio e Guilherme tinham levado uma boa carga de chumbo de munição nas pernas.

Os feridos, em vista da desintelligencia havida com Malheiros, culparam-n'o, dizendo que não desconfiavam de mais ninguem. Pantoja aproveitou o ensejo da desintelligencia, para mais uma vez mandar atirar por um seu escravo aos individuos que se divertiam em casa de Vieira Martins, dizendo que os feridos eram dous desaffectuados do criminoso. A policia cumpriu o seu dever, fazendo processar Malheiros, a quem Pantoja tinha um odio de morte, andando depois a dizer aos habitantes que o criminoso era Malheiros, sendo depois despronunciado por não haver provas, ficando assim a vigilancia da policia malograda, pois que o criminoso era a mesma authoridade do logar.

Os feridos escaparam milagrosamente.

CAPITULO XIII

A confissão do escravo

Alguns annos depois, um escravo de Pantoja adoeceu, confessando ao padre ter sido elle quem tinha dado o tiro nas pernas de Antonio e Guilherme, na noite do dia 11 de fevereiro de 1852, pois, tinha sido obrigado por seu senhor. Pantoja que ouviu a confissão do escravo, pediu ao padre para não criminar ninguem.

Aqui temos uma boa occasião para o leitor, guiado pela curiosidade, ver como Pantoja, accommettido pelos remorsos, a cada passo olhava em torno de si parecendo-lhe ouvir pronunciar o seu nome em todos os angulos da terra, este temor eram os reclames dos infelizes orphãos e das viuvas, que ainda hoje bradam pela Justiça Divina, já que a humana falha em todas as épocas para os infelizes. Acasos, pois, que não devemos deixar de relatar para mostrar-mos ao leitor que elles teem o cunho de malvadez com que era dotado Pantoja.

CAPITULO XIII

A confissão do escravo

Alguns annos depois, um escravo de Pantoja adoeceu, confessando ao padre ter sido elle quem tinha dado o tiro nas pernas de Antonio e Guilherme, na noite do dia 11 de fevereiro de 1852; pois, tinha sido obrigado por seu senhor. Pantoja que ouvia a confissão do escravo, pedia ao padre para não criminar ninguem.

Aqui temos uma boa occasião para o leitor, guiado pela curiosidade, ver como Pantoja, acommettido pelos remorsos, a cada passo olhava em torno de si parecendo-lhe ouvir pronunciar o seu nome em todos os angulos da terra; este temor eram os reclamos dos infelizes orphãos e das viuvas, que ainda hoje bradam pela Justiça Divina, já que a humana falta em todas as epocas para os infelizes. Acasos, pois, que não devemos deixar de relatar para mostrar-mos ao leitor que elles teem o cunho de innocencia com que era dotado Pantoja.

CAPITULO XIV

O desconhecido

Em uma manhã de verão, aportava a praia de Manarijó uma pequena canôa remada por um só homem.

Que homem era aquelle que depois de deixar o remo se vestia a toda a pressa de facto preto, um grande chapeu de pello de sêda com abas largas e bastante uzado?

Mas o homem de que tratamos via-se pelo seu aspecto que tinha passado uma vida cheia de espinhos.

Elle seguiu pela estrada que vae ter á villa.

Ia meditabundo; mas quem era? repetimos nós.

Entrou na villa; todas as pessoas que o avistavam, velhos, moços e creanças, corriam assustados e entravam para suas casas, fechando as portas e janellas; estava tudo em silencio.

Não tardou em manifestar-se que Jeronymo o cabano estava em terra.

O pavor que causou áquelle povo, fazia crer aos

extranhos que o recem-chegado era um malvado... uma féra.

Jeronymo entrava em uma e outra casa de commercio, as unicas que tinham suas portas abertas, e entrando tambem em casa de Gil, disse-lhe:

— Adeus amigo, venho comprar-lhe alguma cousa que preciso.

— Pois não, disse Gil sorrindo-se, aqui comprará tudo que lhe aprouver, e estou sciente de que será bem servido.

Jeronymo entrou em ajuste n'esta e n'aquella fazenda, sortiu-se do que precisava, pagou e pediu uma pouca d'aguardente para beber.

— Não me conhece? perguntou elle a Gil.

— Não.

— Eu sou Jeronymo, o cabano, matei, roubei, e finalmente, fui o primeiro verdugo na época de 1835, que já decorreram doze annos. Mas como matei, roubei e ainda estou pobre e encarregado de trabalhos para me sustentar na minha avançada idade?! Ah! senhor, matei aquelles que roubavam, evitando assim maiores desgraças e entregando a seus donos aquillo que lhe pertencia. Matei para salvar muitos infelizes das garras dos homens que diziam trabalhar em favor da causa da ordem como fiz aos da comitiva de Pantoja, a quem arranquei muitas victimas das mãos, fazendo desalojar por muitas vezes onde entravam os fragmentos da sua crueldade.

Finalmente, Jeronymo fallou muito tempo d'este assumpto, e quando se despediu, protestou-lhe que todas as vezes que voltasse á villa negociaria com elle.

Pantoja não estava n'essa occasião na villa.

Logo que Jeronymo se retirou, Gil sahiu á rua a ver o que diziam do homem extranho.

As casas ainda continuavam fechadas, e Gil curioso por tão estupendo facto, dirigiu-se a algumas casas

para que elles dissessem o motivo de se acharem as suas portas trancadas.

A resposta de todos era que, Jeronymo o cabano estava em terra.

E depois o que tem isso? perguntava Gil.

— Oh! acudiu um dos moradores, se cá estivesse Pantoja elle seria morto.

— Morto! E porque?

— Este homem, segundo conta Pantoja, foi um malvado.

Finalmente, já animados com a retirada de Jeronymo, foram abrindo as suas portas e recommendando-se uns aos outros.

— Cautella, que bem podia elle dar um assalto á villa; com effeito, como se illude o povo!

Tornemos ao caso.

Passados tres dias Pantoja estava na villa, e logo lhe relataram a chegada de Jeronymo.

Pantoja ao saber do succedido, ficou aterrado e receiou a estada de Jeronymo, indagando onde elle morava. Convidou uma comitiva de trinta e cinco homens para lhe darem um assalto.

Uma noite, Pantoja mandou cercar a casa de Jeronymo, mas teve de voltar á villa por o não ter encontrado n'aquella occasião.

para que ellos dissessem o motivo de se acharem as suas portas fechadas.

A resposta de todos era que, Jeronymo o cabano estava em terra.

E depois o que tem isso? perguntava Gil.

— Oh! acudia um dos moradores, se cá estivesse Pantoja elle seria morto.

— Morto! E porque?

— Este homem, segundo conta Pantoja, foi um malvado.

Finalmente, já animados com a retirada de Jeronymo, foram abrindo as suas portas e recommendando-se uns aos outros.

— Cantella, que bem podia elle dar um assalto á villa; com effeito, como se illude o povo!

Torneinos ao caso.

Passados tres dias Pantoja estava na villa, e logo lhe relataram a chegada de Jeronymo.

Pantoja ao saber do succedido, ficou alterado e recebeu a estada de Jeronymo, indagando onde elle morava. Convidou uma commitiva de trinta e cinco homens para lhe darem um assalto.

Uma noite, Pantoja mandou cercar a casa de Jeronymo, mas teve de voltar á villa por o não ter encontrado n'aquella occasião.

CAPITULO XV

A prisão de Jeronymo

Jeronymo continuou a vir tratar dos seus negocios á villa.

Uma bella occasião, Pantoja fazendo-se amigo de Jeronymo, mandou-o convidar para vir almoçar com elle. Este que nada receiava aceitou o convite. Quando, porém, estavam á meza, sahiu-lhe uma escolta de embuscada que o prendeu.

Foi quando Pantoja teve voz que até alli estava suffocada com receio.

Pouco depois estava Jeronymo carregando grossos ferros aos pés, um dos ornamentos da sala, e dirigindo-se a Pantoja disse-lhe:

— Vamos malvado, satisfaz os teus sediciosos desejos, ainda te não chegam os remorsos que pezam sobre ti infame: convidas-me para almoçar e praticas um acto d'estes para commigo, cobarde; julgas que por eu estar com ferros aos pés me hei-de calar? Enganas-te,

ouve as verdades do valoroso Jeronymo que salvou das tuas garras muitos innocentes, que salvou da prostituição muitas familias, para onde tu as querias arrastar; sou Jeronymo a quem déste o nome de cabano, malvado; diz-me quem foi o verdugo d'aquelle tempo, não foste tu? Quem foi o ladrão d'aquella época, não foste tu? Quem foi o desflorador de 1835, não foste tu? Quem foi finalmente que matou innocentes, velhos e moços, não foste tu? Ah malvado, em ti está tudo, e levanto a minha voz para que o mundo inteiro me ouça! Quem disser Pantoja dirá perversidade.

E dito isto lá caminhou o pobre Jeronymo para a cadeia.

Ouvia-se um tenir como a pendula do relogio no seu tique-taque. Eram os ferros que Jeronymo arrastava nos pés com direcção á cadeia, nunca lhe custou andar tanto em tão pouco terreno.

As familias já não fechavam as portas e janellas. Estavam satisfeitas com a prisão de Jeronymo. Recolhido que foi á cadeia declarou-se incommunicavel.

Jeronymo só sentia o modo com que Pantoja usou para com elle.

Gil já tambem amigo de Jeronymo, sentia a sua situação.

Queria-lhe fallar mas era-lhe vedado.

Pantoja e o padre Pastana tinham combinado para dar sumisso de Jeronymo, e como resolveram a titulo de removel-o da cadeia de Portel para a de Melgaço, mandar pelos seus conductores metter a pique a conôa que os conduzia, pois que Jeronymo carregado de ferros teria de parecer, e os mais salvar-se-iam facilmente seguros á mesma canôa.

Era alli n'aquella Bahia um sepulchro de dez infelizes, e não querendo Pantoja que um zéro lhe figurasse na historia, tinha mais este infeliz para fazer o numero do onze.

XVI

Gil salva Jeronymo

Como se salvou Jeronymo d'este horrivel trama?

Gil procurou uma occasião em que Pantoja estivesse com o padre, o que, com effeito conseguiu, a chegando-se um dia junto d'elles, disse ao padre:

— Aqui tem sua reverendissima seis patacas para dizer uma missa por alma do infeliz Jeronymo.

O padre e Pantoja olharam um para o outro ao ouvirem a resolução de Gil, como dando a entender que o seu horrivel trama estava descoberto, e o padre estupefacto e com palavras suffocadas disse para Gil:

— Pois o preso morreu?!

Gil n'esta occasião não respeitou a phrase *ouvir, vêr e calar*.

— Não, respondeu Gil, mas soube agora mesmo que haviam ordens para que elle fosse removido d'esta cadeia para a de Melgaço e que no seu trajecto seria lançado ao mar.

A posição do padre e de Pantoja no prezente cazo era melindrosa, pois que os tempos já eram outros, e portanto resolveram que Jeronymo fosse posto em liberdade de modo que elle fosse em paz para sua casa.

Gil foi o anjo salvador de Jeronymo, e Jeronymo foi um grande amigo de Gil depois do referido cazo.

Devemos notar que não sendo já a época tão remota, ainda assim não se afastava das mesmas façanhas, cujos crimes elle mesmo historiava.

XVII

Conclusão da biographia de Pantoja

Para darmos final á biographia completa do nosso heroe vamos fachal-a com o presente caso.

Durante a sua auzencia do logar do seu nascimento (Portel,) encarregou elle sua familia aos cuidados d'um compadre e dois afilhados, quando, porém, se recolheu do Amazonas, julgando que o compadre lhe pederia recompensa a vigilancia de sua familia, lembrou-se que o melhor meio era acabar com a vida do compadre e afilhados, para isso chamou dois negros que estavam ao seu serviço e mandando amarrar os braços ao corpo emquanto que os negros pegavam no corpo do infeliz e o punham sobre um cêpo, o verdugo ia com um cutello decepando-lhe os membros do corpo, emquanto que os negros o iam empurrando á maneira que torturava o corpo sobre o cêpo. Feita esta execução no compadre e afilhados, deixando-os n'um montão de massa de carne juntando a esta duzentas e tantas orelhas das victimas que fizera no baixo Amazonas.

Eram as reliquias que trazia de suas proezas encambadas e penduradas nas enxarcas da embarcação. Estes actos que deixamos dito e outros que deixamos de relatar, foram remunerados pelo governo imperial com o officialato do Cruzeiro, uma das primeiras honras honorificas do imperio.

Eis ahi pois, como se agalardoou um homem que antes da época de 1835, já tinha 28 cartas de seguro de crimes de morte.

A vida d'este heroe foi uma serie de crimes.

Não queremos com isto depôr contra a familia brazileira, não, pelo contrario, os brazileiros são em geral hospitaleiros amaveis, a quem d'aqui rendemos nossas finezas. Apenas tratamos de um homem a quem a natureza dotou de maus instinctos, e nem só lá é que os ha.

Pantoja, diante de um homem de resolução, era cobarde, sua valentia estava na embuscada.

FIM.

NOTAS

(a) *E nin poitéte Gran Paru eram outros tantos nomes com que os indios do Paru designavam por satisfazer aos hespanhoes, o paiz encantado, o formoso Rieno do Eldovrado; os conquistadores do Pará confundiram-no fazendo do Gran Pará, e applicando este nome ao Amazonas que nunca o tinha tido; mas suppondo-o assim individamente, como diz Barredo. O verdadeiro Amazonas fica muitas legoas para o N. O.*

(b) Pequeno passaro que acompanha a rotação do sol. Dorme de dia e quando Apollo banha a luzente fronte nas aguas do oceano solta um grito agudissimo, que se ouve a longe distancia. Em noite de luar vela e de quarto em quarto d'hora eleva o seu canto fino, como querendo substituir nas mattas incultas do sertão o magestoso artificio que a humanidade creou, para seu regulamento:—O relogio.

(c) Em lingua indigena significa *buraco* de papagaio.

A TIA CUSTODIA

Aquelles que teem viajado em Portugal, e tambem teem ido á Villa da Feira, demorando-se ali algum tempo devem estar lembrados da freguezia de Sanfins, que é mixtica á mesma Villa: Se Porém não tem conhecimento d'este logar, peço aos leitores que me acompanhem para mostrar-lhes o que ha alli de mais notavel e relatar-lhes casos que se deram em tempos idos.

Sanfins é um dos logares mais pittorescos que Portugal tem, tambem é alli o logar d'onde sahiu parte da antiga nobreza do reino.

As muitas quintas, soberbos palacios, occupados pelas familias de sangue azul, dão bem a conhecer a sua grandeza.

Entre o anno de 1837 a 1838, uma familia da cidade do Porto, fôra alli passar algum tempo; pois que o seu chefe era filho d'aquelle logar.

Um membro, porém, d'esta familia de nome Roberto, sendo a primeira vez que alli ia, foi elle o que

mais apreciou Sanfins, pois era em tudo um lindo jardim.

E, querendo esquadrinha a natureza e admiral-a não poupou tempo em percorrer tudo, não lhe escapando cantinho algum por mais pequeno que fosse.

Admirava os lindos ribeiros, cujas margens viçosas deixavam ver a crystallina agua que vagarosa e murmurantes despenhava, a levação dos montes, a verdura dos matos e as magestosas campinas, tapetadas de flores, finalmente o que mais o chamou á attenção foi um grande souto de carvalheiras que ficava em frente á quinta da mestra, alli, percorrendo d'uma a outra extremidade do souto não cessava, parando aqui, alli, acolá admirar aquellas colloçaes arvores de carvalho.

Junto á cancella da referida quinta, parou Roberto, apreciando duas frondosas arvores que se levantam, uma de cada lado da cancella; mas não podendo conhecer d'onde eram naturaes; quando estava ainda apreciando o jardim que se seguia, apareceu-lhe um joven, trajando calça de casimira côr de canella, um casaco da mesma fazenda, porém escuro e abetoado até ao pescoço com ricos alamares, um bonet de pelle de animal côr de ouro, luvas, etc. e entrando no jardim começou a colher flores com uma thesoura.

O nosso Roberto observava tudo isto, querendo occultar-se por detraz do tronco d'uma das arvores; não escapou porém ao faro d'um cão que se atirou com furia á cancella, attrahindo a attenção do joven que a passos lentos se encaminhou para elle e trocando-se fallas o convidou a entrar ao que Roberto não recusou. E, abrindo a cancella deu entrada áquelle que mais tinha em vista apreciar a natureza do que conhecer os homens. Seguiram, pois, por uma larga rua, sendo os lados alegrestes das mais bellas flores da estação; no fim do caminho e portanto no jardim havia um poço

coberto por um caramanchão d'uma trepadeira a cuja flor dão o nome de Martyrios de Christo e continuando a seguir para a esquerda, onde estava a entrada do Palacio descobriu na fachada esculpido em marmore o brazão da casa, á direita via-se uma casinha de pau composta de gradeamento, dentro havia o quer que fosse que tocava guiso.

Perguntando o que era — respondeu-lhe o joven — é o forão da caça.

Logo depois segunda pergunta ácerca das duas frondosas arvores, que faziam a magestade do jardim — respondeu-lhe ainda o joven que eram cedros e que eram uriundos do Brazil.

D'alli a pouco já dentro da salla de visitas admirava o nosso Roberto aquella grandeza e os que sabiam fazer bom uso da sua fortuna. Não tardou, porém, que o pae, a mãe e a irmã do joven viessem comprimentar o hespede a quem Roberto apreciou tão finas qualidades. Perguntou ao dono da casa se tinha mais filhos. — Este respondeu, apontando o joven, além do Francisquinho e d'esta menina tenho mais tres, um está para casa e dois para o imperio do Brazil. Roberto não querendo ser importuno e agradecendo o obsequio que tinha recebido pelo bom tratamento que lhes deram retirou-se promettendo em outra occasião, fazer-lhes nova visita com mais demora, ao sahir, porém, á cancella entrava o filho que vinha da caça. João, o caçador, era um esbelto rapaz, fitou-lhe os olhos e não o perdeu mais de vista.

Como porém Roberto gostasse tambem de caçar, teve occasião de se encontrar com o caçador da quinta da mestra, onde travaram relações d'amizade.

Uma tarde sahiu João para a caça e Roberto tambem o acompanhou.

Tendo-se separado um do outro na fralda d'um monte e voltando a casa, encontra João sentado na

relva á sombra d'um frondoso pinheiro manso, estando ao lado d'elle uma joven que teria talvez vinte annos, Roberto não podendo occultar-se disse a alguns passos de distancia: Joãosinho, quem me déra ter um forão que me descobrisse da caça que tens a teu lado. Elles ficaram um pouco assustados, a joven quiz deslisar-se pela relva abaixo; mas João a deteve dizendo: não te assustes é um um amigo que falla comigo, e logo respondendo a Roberto, sim, o forão terá hoje mais dois ovos de premio; mas previno ao caçador que me interroga que a caça não foi ferida nem de leve. Mas, quem era esta joven, que tantos cuidados tinha dado aos paes de João

Era a filha d'um lavrador que furtava algumas horas de trabalho para vir passal-as com João a quem amava. Era Anna de Golfar, assim conhecida por ter nascido na casa do mesmo nome. Porém, João, filho d'uma familia nobre não podia esposar-se com a filha d'um lavrador—nada mais era isso que um passa tempo. Um dia porém Anna de Golfar, vendo que não podia esposar-se com João, em entrevista na mesma relva disse-lhe que não podia perder o casamento que se lhe preparava, aliás vantajoso, era pois occasião de lhe fazer sua despedida—João declarou-lhe que o obstaculo não estava n'elle, pois ella bem sabia que a amava mas que para ser bom filho não havia de desgostar seus paes e dando-lhe um adeus para sempre lá vai João, triste e melancolico como nunca o vimos.

Era uma tarde, fazia frio, nosso Roberto, apreciador da natureza, sahiu a fazer seus estudos em um recanto da freguezia; mas distante um pouco do povoado avistou uma especie de gruta d'onde sahia fumo dirigiu-se para lá não só porque tinha necessidade de beber agua como ao mesmo tempo desejava conhecer o arrogado, que vivia em similhante habitação e cheando á gruta disse: *ó de casa* — uma voz rouca res-

pondeu de dentro: já é o diabo que me vem tentar e logo em seguimento—entre quem é. A porta era baixa foi preciso Roberto curvar-se para entrar. Toda a casa era um composto de ruinas, as paredes prestes a desabar, segura apenas por um tapume de verdejantes eras, logo á entrada do lado direito estava uma especie de tarimba e sobre ella um pouco de colmo estendido que indicava ser a cama da dona da casa. Uma meza muito usada e uma cadeira de pau, era toda a mobilia, e lá no fundo um vivo brazeiro e uma velha que se aquentava a elle. A velha vestia uma grossa saia de baeta e jaquet da mesma fazenda, tinha a cabeça coberta com um lenço de ramagens que vinha arrematar debaixo dos queixos. Roberto querendo galhofar um pouco com ella disse-lhe: oh tia que fizeste na mocidade, que não arranjaste uma boa casa para estares agora soffrendo n'esta furna.

— E' verdade diz a velha não fui d'essas mulheres vaidosas, minhas mãos sempre se occuparam no trabalho e com economias, juntei alguns vintens.

— E o que fizeste d'elle—disse Roberto—Puz a juros—respondeu a velha; mas d'um para outro momento desappareceu.

— Então, ladrões?! acudiu Roberto.

— Peior que ladrões—retorquiu a velha.

— Incendio?!—Ainda peior.

— Desejava adivinhar minha velha, mas como não tenho esse dão...

— Sim, eu conto — diz a velha. Era casada, quando perdi meu marido, ainda fiquei moça, depois tive um filho, este filho, era do peccado, cresceu e todo o meu empenho era ordenal-o, fiz com que estudasse, gastei todas as minhas economias com elle e aproveitou bem o seu tempo; mas quando estava prompto para se ordenar, a morte, essa ingrata ceifou-m'o. Eis ahi, meu senhor, como perdi meu capital e juros e as-

sim meu futuro e agora no ultimo quartel da vida falta-me tudo e mendigo o pão da caridade.

Emquanto que Roberto a ouvia com attenção, observava que sobre a velha meza estava uma pedra d'ara e perguntando á velha por curiosidade para que fim lhe servia a pedra—ella respondeu:

— Que era para pôr sobre ella o pão que comia e a agua que bebia. E n'este interdeu-se uma explosão no braseiro de tal fórma que levantou enorme fumaça e quasi que ficou todo apagado; ao mesmo tempo um estelhaço da explosão passou pela fronte de Roberto; elle assustado e querendo despedir-se da velha, pois lhe parecia haver alli alguma coisa de mysterioso e seguindo para a porta da gruta a velha lhe embargou os passos, dizendo-lhe: — Já que veio aqui tirar-me do meu socego não sei, sem dizer-me ao fim a que veio.

— E' muito simples, tia, tinha sede e vinha pedir-lhe agua.

— Agora mesmo arrebentou o pocarinho que tinha ao lume aquentando, pois não bebo fria.

— E eu não a bebo quente, acudiu Roberto.

— Mas essa mesmo não ha—diz a velha—acompanhe-me e conduzindo Roberto para traz da gruta e mostrando-lhe uma especie de cacimba.—Ahi tem agua ajoelhe na pedra e beba.

— Quando Roberto já estava ajoelhado e com os labios chegados á agua, surgiu-lhe debaixo d'um grosso limo, grande quantidade de lagartos pretos, tendo nas costas e cabeça malhas amarellas. Roberto viu-se obrigado a abandonar o logar não só de nojo, como de susto.

— E voltando novamente para a velha lhe disse: Ó tia não bebi a agua porque tem bichos que causam nojo. — São *salamandras, salamandras,* disse a velha com voz forte, e é a melhor agua que aqui temos porque são esses mesmos bichos que o snr. falla que limpam os poços.

Tentando Roberto retirar-se d'aquella infernal habitação não o quiz fazer sem saber o nome da velha com quem fallava e disse: Ó tia desejava saber o seu nome.—Lá no povoado lhe dirão quem é a tia Custodia. Ficou portanto Roberto sabendo que ella se chamava Custodia e despedindo-se lá foi o nosso Roberto, a primeira casa que encontrou e com effeito, chegado que foi a uma — bateu e appareceu-lhe uma mulher ainda de boa idade a quem pediu agua e esta fallando para dentro de casa disse: — *Cachopa traz d'ahi uma malga d'agua.* Não tardou que uma menina trouxesse uma tijella vermelha cheia d'agua que bebeu d'um só trago.

— Alli além em um cobiculo pedi agua a uma velha, ella levou-me a um logar que tinha tantos lagartos que não bebi de nojo. — São *salamandras,* diz a mulher a que acabou de beber, é de lá.

— Com effeito, Roberto ao ouvir isto estava preste a um serio incommodo; porém, desfarçando restabeleceu-se e entrou em conversa com a mulher, Roberto curioso como sempre não poupou perguntas.

E' casada? perguntou. — Sim, tenho meu homem disse ella. E filhos tem?

— Sim snr.

— Tenho dois *cachopos* e uma *cachopa.*

— Onde estão?

— Olhe, meu homem, pasta as vaccas, é do que nós vivemos, vendemos leite e queijadas, o *cachopo* mais velho está guardando os vacaros e o menor está no a, b, c.

Deu agora na cabeça do meu homem a querer que o *cachopo* seja fidalgo aqui na terra d'elles.

— No entanto é bom aprender a ler — respondeu Roberto.

— Não é de minha vontade — disse ella — é uma

toleima, nós com o producto das vaccas não podemos fazer-nos fidalgos.

— Então minha boa mulher — tornou Roberto — por vosso filho aprender a ler é forçoso que seja fidalgo.

— Sim, senhor, os exemplos o tem mostrado — disse ella — Olhe eu lhe conto:

Havia aqui uma familia, já se sabe, a sua vida era da lavoura; metteu um filho na escóla, aprendeu dizem (com licença de Vm.ce), que elle era um burro, e que mal sabia assignar seu nome, pois senhor, olhe que chegou a ser visconde, e não fallava a todos; e quer que lhe diga, não queria saber da propria familia.

—Onde está esse personagem — disse Roberto.

— Ha! senhor, já morreu d'uma chaga que lhe sahiu na cara, salvo seja. Ora veja o meu *cachopo* depois de saber alguma coisa logo quer ser vereador da camara, regedor, até são capazes de o mandar como digno par do reino para a côrte, depois será visconde emquanto que sua mãe está vendendo leite e queijadas. Nada, nada, não quero que o *cachopo* aprenda a ler. Olhe, senhor, eu ainda vou ter alguma *turra* com o meu homem por causa do a, b, c, que elle metteu na mão do *cachopo*, e tenho dito, batendo o pé, cá na minha familia não quero fidalgos. Roberto, ouvindo a ingenuidade da mulher, passou a indagar quem era a velha com quem fallava na gruta.

.....

— Ha! é a tia Custodia, respondeu a mulher das queijadas.

E'assim que nós a tratamos por sua avançada idade.

Ella hoje não está indeabrada senão viria como ella espalhava diabos por toda a parte.

E, quem a sustenta, pobre mulher—perguntou o nosso Roberto?

— Ora, passa melhor que nós, são os fidalgos da mestra que alli lhe mandam tudo o que ella precisa e a outros pobres da freguezia, principalmente o Joãosinho e o Francisquinho, são alminhas bemfazejas, nunca as mãos lhe dôam. Como Roberto ouvisse tudo em pé e já cançado despediu-se, rindo-se da simplicidade da mulher, com quem acabava de fallar, embrenhando-se novamente pelos bosques e d'ahi a pouco foi repousar, na quinta da carvalhosa que era propriedade de sua familia.

João da mestra, depois do desengano de Anna de Golfar, sempre andou tasciturno e nunca mais o vimos alegre nem tão pouco caçar.

Porém, passado já algum tempo vimol-o em um domingo, trazendo ao tiracol uma cestinha onde levava o forão, a rede e a espingarda ao hombro.

João tornou novamente por divertimento á caçada, talvez para disfarçar suas maguas. Porém, dia fatal, volta da caçada entrando em uma casa, aonde os fidalgos da terra se divertiam ao jogo da bola, e junto ao jogo encostou-se á espingarda e para isso colocou a bocca da espingarda debaixo do braço esquerdo, não tardou que a primeira bola despedida da mão do jogador lhe fosse tão certeira bater nos fechos da espingarda e desparando-se o lançou por terra, todos os circumstantes prestaram soccorro ao ferido e amigos que eram, a todos causou geral consternação. Conduzido a casa de seus paes, estes quando o viram n'aquelle estado lançaram-se sobre o seu corpo, regando-o com pranto; porém João, ainda vivia; mas segundo diziam os facultativos por pouco tempo. Elle animava a sua familia dizendo ainda não morro, mas a hora era chegada a parca bateu á porta e entrando triumphante no domingo seguinte disse — ao teu jazigo — expirou.

Deixemos por um momento o finado e vamos seguir-lhe os passos durante a sua vida. João era do-

Univers. de S. Paulo BIBLIOTHECA

tado d'um coração assás bemfazejo, elle distribuia esmolas ás mãos largas mandava os creados da lavoura lavrar as terras dos pobres da freguezia, e muitas vezes lá se encontrava examinando o serviço, elle finalmente, sustentava do seu bolsinho a tia Custodia e o que mais nos admirava n'aquelle genio, era as muitas reiteradas vezes que dizia por gracejo a tia Custodia: tomara morrer quando a tia Custodia deixasse de viver, porque não lhe sahiam dos labios o nome do diabo emquanto estiver occupado com ella, por certo que não terá tempo de tentar minha alma, caso singular...

Emquanto que se levantava a eça na Igreja de Sanfins faziam-se os convites para assistir ao seu funeral. Os padres de toda a comarca que eram em grande numero compareceram. E no dia seguinte, segunda feira, sahiu o prestito da casa do finado, deixando a sua familia na mais pungente dôr. Toda a nobreza da comarca acompanhou o enterro atraz do prestito ia toda a pobreza d'aquella freguezia chorando a perda de seu bemfeitor. O pranto foi geral, todos os habitantes da freguezia n'aquelle dia trajaram de luto, tal era o conceito que gosava o finado.

Quando, porém seu corpo já debaixo da eça se lhe resava o officio divino, entravam quatro homens pela igreja, conduzindo um esquife, trazendo um corpo simplesmente amortalhado. Era o corpo da tia Custodia, que não querendo abandonar seu bemfeitor, ainda além da morte contava com elle, para lá na mansão dos justos se interceder por ella.

O corpo da tia Custodia ainda recebeu os mesmos suffragios que estavam preparados para João, pois, para isso se prestaram de boa vontade os sacerdotes.

Não foi João, por tanto que morreu como elle dizia, quando a tia Custodia morresse, foi sim a tia Custodia que finou quando João morreu.

O corpo de João foi sepultado no atrio da igreja

em frente á porta principal e sobre a louza está gravado este simples epitaphio:

AQUI JAZ

JOÃO MARIA CORREIA DE SÁ

A terna mãe do finado ia alli todos os dias regar com o seu pranto a campa ao seu filho. Oh! como é triste vêr uma mãe chorando!...

O corpo da tia Custodia foi sepultado ao lado da igreja, na mesma hora.

A familia do finado não esqueceu imitar as virtudes de seu filho, e todos os sabbados á porta da sua quinta alli se viam os pobres recebendo esmollas. Era triste ver como elles iam ajoelhar sobre a campa do finado, orando ao senhor por sua alma.

FIM.

BIBLIOTECA
9
JAN.
41
Nº DE REG. 2412

INDICE

	Paginas
Prologo	v
Descripções preliminares	1
A derrota dos hollandezes	7
Victoria dos portuguezes sobre os indios de Cumã e Tupinambás	11
Fundação da villa de Portel. Esclarecimentos diversos. Proezas do verdugo Pantoja	17
Novas proezas de Pantoja	23
Pantoja em Almeirim	27
Pantoja na Prainha	31
A má situação de Pantoja na Prainha obrigou-o a regressar a Portel	35
Occorrencias dadas com Pantoja em Portel. A festa de S. Lazaro	37
A morte do antigo official de justiça e a ladainha do corpo presente	43
Gil encontra-se com Pantoja em um passeio	45
O tiro em casa de Vieira Martins	47
A confissão do escravo	49
O desconhecido	51
A prisão de Jeronymo	55
Gil salva Jeronymo	57
Conclusão da biographia de Pantoja	59
Notas	60
A Tia Custodia	61

ERRATAS

Paginas	Linhas	Erratas	Emendas
No prologo	4	Junho	Julho.
3	6	Gosaram	Guiaram.
13	20	Para nas aldeias	Nas aldeias.
13	21	Muticeira	Murticeira.
18	13	Joaquim Raymundo Pantoja	Raymundo Joaquim Pantoja.
28	5	Murucutu	Murucututu.
31	5	Passasse	Passava.
31	5	Mandar	Mandava.
39	32	Bem	Vem.